



As casas de Deus: as igrejas de doutrina no Novo Reino de Granada nos séculos XVI e XVII

The houses of God: churches of doctrine in New Kingdom of Granada, in the 16th and 17th centuries

Carlos Jose Suarez Garcia*

Resumo

O papel da Igreja foi fundamental no processo de constituição do território no Novo Mundo. Neste artigo, explora-se a forma como se implementaram no Novo Reino de Granada (hoje Colômbia) as “Instruções para a fábrica e decoração das igrejas” de Carlos Borromeo de 1577, documento considerado como a consolidação arquitetônica do Concílio de Trento. A análise parte da comparação dos principais preceitos contidos nas Instruções com os contratos de fabricação das igrejas celebrados pelo Visitador Luis Henríquez entre os anos 1599 e 1605 no território da Província de Tunja. Dentro da empreitada religiosa e de unificação da Coroa espanhola no território americano, a doutrina dos indígenas americanos tornou-se um projeto crucial e, portanto, a fabricação das igrejas e a concentração da população. A igreja era o ponto de partida para a conformação de novos assentamentos para indígenas sob a responsabilidade de um padre, chamados “povoados de índios”. A força do projeto secular espanhol deixou suas marcas na forma destas igrejas de doutrina construídas e que, 400 anos depois, permitem realizar uma reflexão sobre a imposição do simbolismo e da hierarquia eclesiástica em Colômbia.

Palavras-chave: Arquitetura religiosa. Novo Reino de Granada. Carlos Borromeo. Igrejas de doutrina.

Abstract

In the territorial constitution of the New World the role of the Church was crucial. In this article, we investigate the implementation in the new kingdom of Granada (the current Colombia) the “Instructions to the factory and decoration churches” by Charles Borromeo, 1577, a document considered as architectural consolidation of the Council of Trent. This analysis is grounded in the comparison between the Borromeo's Instructions and the numerous contracts assigned by Luis Henríquez in the period of 1599 and 1605, in the territory of the province of Tunja. The indoctrination process of the indigenous American people became the main project in the religious enterprise and unification of Spanish Crown through the construction of sturdy churches and concentration of this population around them. The church was the start point for urban conformation of new indigenous settlements named “povoados de índios”, upon the responsibility of a priest. The force of Spain's secular project left its mark in the shape of such “churches of doctrine” constructed across the territory in the XVII century, which allow today a reflection about the symbolic imposition of a new ecclesial hierarchy in Colombia during this period.

Keywords: Religious architecture. New Kingdom of Granada. Charles Borromeo. Churches of Doctrine.

Artigo recebido em 25 de junho de 2013 e aprovado em 3 de setembro de 2013.

* Mestre em Antropologia. Pesquisador do Centro de Estudos Sociais da Universidad Nacional de Colombia e do Grupo de Estudos do Território e de História Urbana. País de Origem: Colômbia E-mail: cjsuarezg@unal.edu.co

Introdução

As igrejas de doutrina que se encontram espalhadas pelo território do atual Departamento de Boyacá na Colômbia aparecem entre as construções religiosas mais antigas do país. A maioria delas foram edificadas no século XVII como a materialização final do processo de doutrina católica, que iniciou com a chegada dos conquistadores espanhóis ao território dos indígenas muisca em 1538. Como anotaram alguns arquitetos colombianos, chama a atenção que, à diferença de outras regiões da Colômbia, existe no Departamento de Boyacá grande quantidade de povoados que possuem igrejas consideradas “muito antigas”. A forma simples e rústica destas igrejas repete-se até o ponto que parecia “natural” achar nos pequenos povoados esse tipo de templos mínimos, que ainda atraem os devotos fregueses locais nas maiores comemorações católicas, especialmente a Semana Santa e o Corpus Christi. Algumas estão tombadas pelo Ministério da Cultura como bens materiais de interesse cultural.

Neste artigo procuro explorar as fontes arquitetônicas destas construções, tentando reconstruir o percurso interpretativo destas idéias artísticas desde Europa até o solo conquistado pelos espanhóis na América, especificamente o centro do Novo Reino de Granada, hoje o Departamento de Boyacá. Apresento inicialmente os arquitetos colombianos interessados na época colonial e que observaram estas igrejas, assim como os princípios religiosos dentro da legislação espanhola que incitaram a construção destes templos. Depois, mostrarei o possível simbolismo religioso destes templos mínimos construídos na América a partir da tripla comparação entre os contratos de construção destas igrejas assinados pelo Licenciado Luis Henríquez entre 1598 e 1604; o texto do cardeal Carlos Borromeo de 1577, quem expunha os princípios arquitetônicos do Concílio de Trento; e alguns tratados de arquitetura da Idade Média e da Renascença, especialmente de Durandus, Pietro Cataneo e Leon Battista Alberti.

1 As igrejas de doutrina na arquitetura religiosa colombiana

Os arquitetos colombianos que estudaram as igrejas de doutrina construídas nos primórdios do século XVII as colocam dentro do amplo tema da arquitetura religiosa colonial. Assim, pela sua homogeneidade estrutural, estas igrejas foram o centro de interesse das obras de arquitetos colombianos especializados em arquitetura colonial, como Carlos Arbelaez Camacho:

Ao percorrer detidamente os Departamentos de Boyacá e Cundinamarca defrontamo-nos perante um interessantíssimo caso de classificação arquitetônica: a presença entre nós de um padrão ou modelo para a edificação dos templos que teriam de servir para os intuitos da doutrina. A conformação espacial dos mesmos, assim como os respectivos volumes arquitetônicos, além da composição decorativa do seu interior coincidiam na forma mais curiosa (ARBELAEZ, 1969, p. 211, tradução nossa) ¹

Trata-se de mais de 20 povoados visitados pelo arquiteto onde persistem ainda estes tipos de igrejas. No inventário realizado por Arbelaez aparecem as igrejas de vários povoados do Departamento de Boyacá: Arcabuco, Beteitiva, Busbanzá, Cucaita, Cuitiva, Chiquinquirá, Chiquisa, Chivatá, Monguí, Oicatá, Sáchica, Samacá, Siachoque, Sora, Tasco, Tobasía, Tópaga e Tutasa; também em alguns povoados do Departamento de Cundinamarca aparecem: Bosa, Suesca, Sutatausa, Tenjo, Ubaque e Zipacón. Ainda, a lista de povoados pode-se estender, incluindo as igrejas dos povoados de Fúquene, Iza, Motavita, Otenga e Tota, seguindo o critério de homogeneidade formal proposto pelos arquitetos. Ainda, Arbelaez providencia uma descrição minuciosa de quais os critérios para a identificação deste tipo de igrejas que construídas no território colombiano:

Todos os templos analisados apresentam uma nave só, estreita e muito profunda, cujas proporções estão na relação variável entre 1:5 e 1:8. Na maioria aparece o “arco toral”² bem pronunciado. Em todos eles evidencia-se a intenção de melhor iluminar a capela mor mediante a elevação da altura da mesma. A armadura do teto logrou-se com base em três ou quatro “jaldetas” [pernas] e seu “almizate” [conjunto de “nudillos”] correlato com os “tirantes” [linhas] à vista, duplos ou alternados 1-2-2-1-

¹ Al recorrer detenidamente los departamentos de Boyacá y Cundinamarca nos dimos frente ante un interesantísimo caso de clasificación arquitectónica: la existencia entre nosotros de un patrón o modelo para la edificación de los templos que habrían de servir a los fines doctrinales. La conformación espacial de los mismos, así como sus respectivos volúmenes arquitectónicos, sin contar además con la composición decorativa de sus interiores, coincidían en forma por demás curiosa.

² O “arco toral” corresponde com o “arco-cruzeiro” da arquitetura barroca brasileira. Para alguns termos de arquitetura utilizo o texto de Ávila, Gontijo e Machado (1996).

2-... a distancia entre si é próxima dos 10 pés castelhanos. Os elementos estruturais da cobertura são de seção semicircular e os “tirantes” [linhas] e “canes” [cachorros] que os recebem tem forma de escudo retangular (ARBELAEZ, 1969, p. 214, tradução nossa).³

Ainda, para maior compreensão, este arquiteto elaborou um desenho com as formas “canônicas” destes templos (figuras 1 e 2):

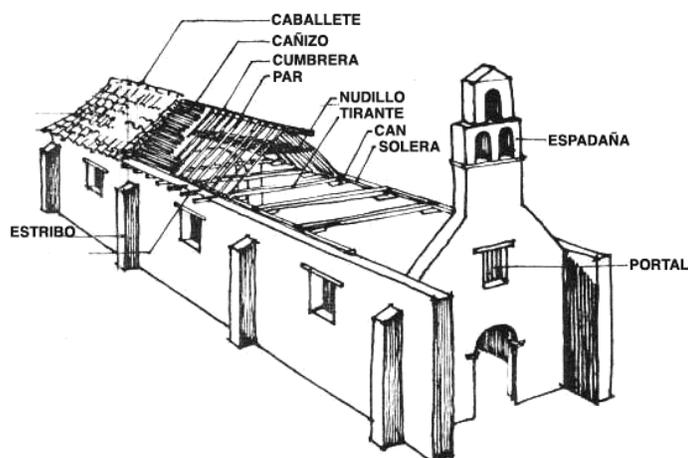


Figura 1 - Vista axial das igrejas de doutrina
Fonte: Arbelaez (1967)

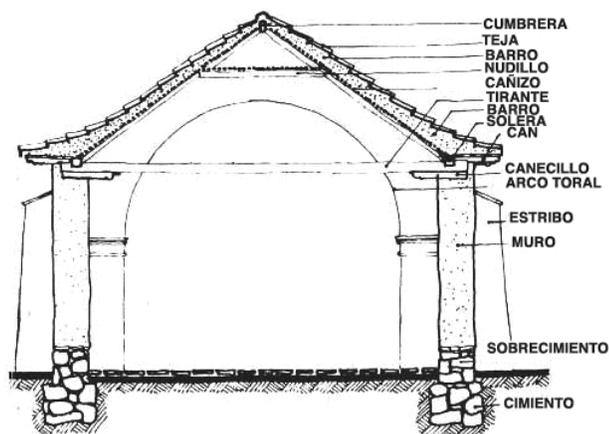


Figura 2 - Corte Transversal das igrejas de doutrina
Fonte: Arbelaez (1967)

³ Todos los templos analizados ostentan una sola nave, angosta y bien profunda, cuyas proporciones andan en relación variable entre 1:5 y 1:8. En la mayoría aparece el arco toral³ bien pronunciado. En todos ellos se evidencia la intención de iluminar mejor la capilla mayor mediante una mayor altura de la misma. La techumbre en tal se logra casi siempre a base de tres o cuatro jaldetas y su correspondiente almizate con los tirantes a la vista, en dobles o en alteración 1-2-2-1-2-... La distancia entre sí cercana de los 10 pies castellanos (3 pies = 1 vara). Los elementos estructurales de la cubierta son de sección semicircular, y los tirantes y canes que los reciben, de escudaría rectangular

Para a historiadora Guadalupe Romero (2008) a enorme homogeneidade formal e estrutural presente nas igrejas de doutrina na Nova Granada foi devido ao grande volume da contratação, o que padronizava as exigências dos contratos de construção. Segundo esta autora, vários destes contratos foram assinados e fechados durante o mesmo dia, encarregando-se o processo de construção a mesma pessoa. O arquiteto Alberto Corradine assegura que se trata de uma pobreza descritiva do templo dentro do contrato de construção a que gerou interpretações quase idênticas por parte dos mestres pedreiros da época. Por outra parte, para esse arquiteto, a falta de um plano original da época foi o que deixou mínimas liberdades estruturais como, por exemplo, aumentar o número de contrafortes, localizar a sineira ou modificar as dimensões do templo (CORRADINE, 1976, p. 8).

Arbelaez propõe que o esquema de “capela aberta” para a construção do templo utilizado na Nova Espanha foi implementado também no Novo Reino de Granada, i.e., os estribos que se abrem frente à fachada e que se constituem como possíveis limites o adro que permitia a celebração da missa para os indígenas que ainda não tinham sido batizados. Para o arquiteto Alberto Corradine (1968), a função dos contrafortes frontais, os “estribos”, não era de separar os espaços, mas uma solução puramente estrutural para suportar o peso da fachada. O padre Juan Manuel Pacheco saudou esta controversia afirmando que “en el Catecismo del señor Zapata de Cárdenas [1576] se habla del catecumenado. A los indios que aun no eran catecumenos se les debía predicar a la puerta del templo. Con este fin las iglesias debían tener en el frontis un portal con su púlpito” (PACHECO, 1971, p. 492). Ainda, esta fragmentação constante do espaço construído é notada igualmente no interior da igreja: “es indudable que estas características corresponden a una evidente tendencia a fragmentar el espacio, cualidad entre otras cosas identificable plenamente con lo español o mejor aun con lo hispanoárabe” (ARBELAEZ, 1969, p. 214). Fragmentação que divide o corpo da igreja tanto no plano horizontal mediante o “arco toral” quanto como no vertical com a armadura do telhado. No entanto, além da destacada presença deste tipo de armadura chamada “mudejar” e que ainda surpreende aos arquitetos e historiadores, este artigo propõe buscar outras fontes europeias que deram a força simbólica a estas construções

no Novo Mundo. Igualmente, precisa-se fazer mais complexa a análise se levamos na conta a afirmação da historiadora Martha Herrera (2002); ela afirma e ressalta o papel simbólico e social da igreja, “en términos de su capacidad para lograr que la población incorporara el orden jerárquico de la sociedad, tanto mediante el uso habitual de éste espacio, que se organizaba de acuerdo con esos parámetros jerárquicos, como también en las actividades requeridas para su mantenimiento y conservación” (HERRERA, 2002, p. 161).⁴ A arquitetura é, portanto, um canal por meio do qual se expressa uma mensagem ligada a certa semântica, certa estética, com elementos significantes para a interpretação. Assim, as igrejas de doutrina refletem divisões sociais e rituais nas suas divisões espaciais.

Tanto Carlos Arbelaez quanto Alberto Corradine chamam a atenção sobre a ação fundamental do Licenciado Luis Henríquez, quem realizou a Visita ao território das Províncias de Tunja e Santafé entre os anos de 1599 e 1605. As Visitas eram práticas de controle sobre o território levadas a cabo por *Oidores Visitadores* mediante a inspeção direta, *in loco*, das condições de cada povoado e dos súbditos do Rei. O Ouvidor atuava igualmente como uma emanção do Rei, como “seus olhos e ouvidos”, segundo as Reales Cédulas⁵ de 1552, 1559 e 1566 (apud PAREDES, 1681, Livro II, título xxxi, lei i; Livro II, título xxxi, lei ii; Livro VI, título v, lei xxvii). Esta valiosa fonte documental, localizada no “Fondo Visitas” do Arquivo Geral da Nação de Colômbia, foi recopilada e transcrita na tese de doutorado de Guadalupe Romero Sanchez (2008), intitulada “Los pueblos de indios en Nueva Granada: trazas urbanas e iglesias doctrineras”. Assim, como apresentarei neste artigo, Luis Henríquez foi o responsável pela assinatura de múltiplos contratos de obra destas igrejas contribuindo com a construção da geografia política da região (CORRADINE, 1989). O documento da Visita de Luis Henríquez de junho de 1601 explicita o intuito religioso da Coroa no

⁴ Desta forma a historiadora afastar-se-ia da versão idílica dos arquitetos Carlos Arbelaez Camacho e Santiago Sebastián, que afirmam: “Los frailes, con un criterio excelente, producto de la meditación, o mejor aún, de aquello que hoy denominamos planificación, concibieron la disposición de los centros evangelizadores teniendo en cuenta la psicología de los indios. Pese a que sus espacios y formas arquitectónicas correspondieran a concepciones francamente europeas, la manera de disponer tales elementos se ciñó a una idea fundamental, la de que tales estructuras fueran amables, y sobre todo comprensibles para los indios a los cuales iban a buscar” (ARBELAEZ e SEBASTIAN, 1967, p. 235).

⁵ As Reales Cédulas encontram-se reunidas na “*Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias*” elaborada por Julián de Paredes em 1681 para o Rei Carlos II. Esta compilação é conhecida na historiografia lusófona como as Leis de Índias.

Novo Reino de Granada, como resposta às obrigações impostas pelas Reales Cédulas de 1509 e 1559 (apud PAREDES, 1681, Livro I, título ii, lei xx; Livro VI, título viii, lei i) sobre a doutrina indígena e a construção de templos:

Nos quais ditos seis povoados [Sora, Samacá, Motavita, Oicatá, Soracá e Combita] o dito senhor Ouvidor mandou fazer uma igreja em cada um deles com a doutrina inteira continuamente, que é o fim principal para que se tem feito os ditos povoados, para que os ditos índios venham no conhecimento da Nossa Santa Fe Católica (apud ROMERO, 2008, p. 2.933, nossa tradução).⁶

Existia nas Visitas analisadas um duplo propósito bem determinado: definir os locais mais adequados para a nucleação da população indígena e constatar o estado do templo mediante o detalhamento dos bens da igreja. Deste modo, o projeto colonial no Novo Reino de Granada comportava simultaneamente a consolidação e cristalização dos novos territórios, assim como a concentração da mão-de-obra dispersa mediante a doutrina cristã. Neste território, que corresponde com um área aproximada de 10.000 km² (figuras 3 e 4) o Visitador Henríquez e o seu escrivão Rodrigo Zapata percorreram os povoados de Sora, Samacá, Sáchica, Oicata, Soraca, Combita, Chivata, Boyacá, Combita, Motavita, Boyacá, Ramiriqui, Viracacha, Siachoque, Pesca, Iza, Cuitiva, Topaga, Gameza, Busbanza, Socotá, Cocuy, Soata, Sativa, Duitama, Paipa.



Figura 3 - Mapa de localização do território das Visitas do local percorrido por Luis Henríquez.
Fonte: Ramirez e Sotomayor (1986-1988)

⁶ En las cuales dichas seis poblaciones [Sora, Samacá, Motavita, Oicata, Soraca e Combita] el dicho Señor Oidor mandó hazer una yglesia en cada una dellas con doctrina entera continuamente que es el fin principal para que se an hecho las dichas poblaciones, para que los dichos yndios vengan en conoçimiento de Nuestra Sancta Fe Católica.

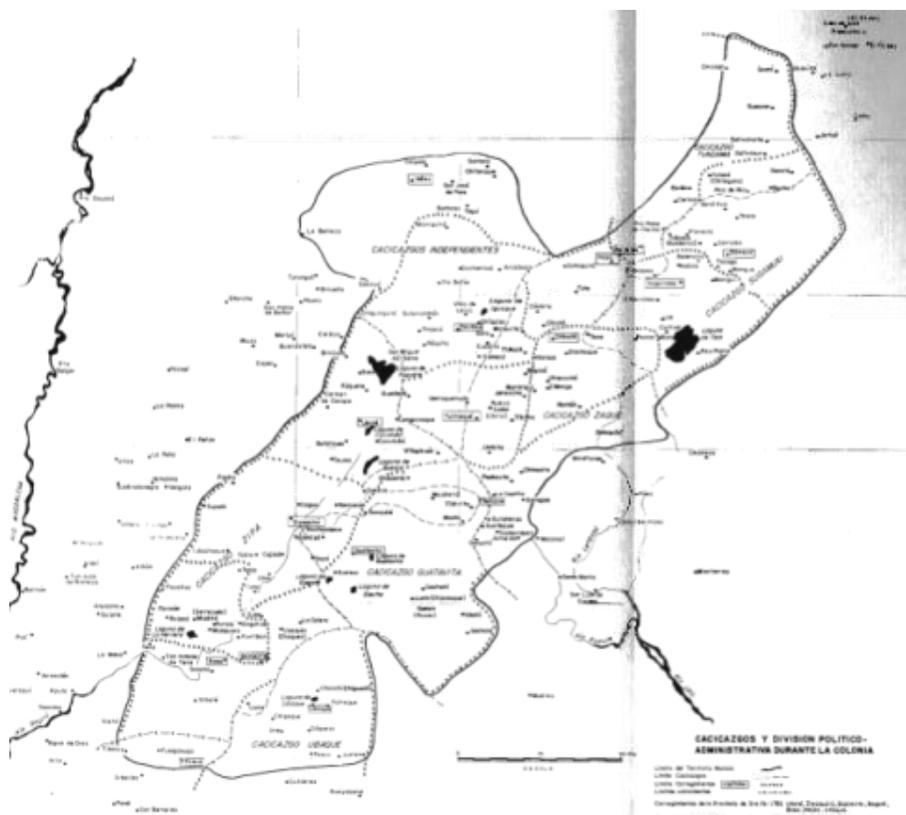


Figura 4 – Mapa ampliado do território das Visitas do local percorrido por Luis Henríquez. Fonte: Ramirez e Sotomayor (1986-1988)

Na sua Visita, o Licenciado Henríquez descreve um grande número de igrejas precárias, geralmente de cana e palha, às vezes sem portas. Esta quantidade de templos provisórios foi o resultado da empreitada evangelizadora que iniciou com a chegada dos primeiros freires franciscanos no ano 1550. O primeiro bispo de Santafe, frei Juan de los Barrios, publicou em 1556 o Sínodo de Santafé (apud ROMERO, 1960) um texto sobre catecismo que conveio com a Visita de Tomás López de 1560 (cf. COLMENARES, 1984; MUJICA, 1948), onde se verificou uma debilidade no processo de doutrina, pois não existiam templos nem curas responsáveis pelos indígenas. O que aparece nos documentos das Visitas de Luis Henríquez (1599-1605) é que, comparado com as Visitas anteriores de Tomás López acontecidas 40 anos antes, houve um grande esforço na construção das igrejas, ainda que precárias, assim como uma preocupação por providenciar um religioso por cada

assentamento indígena de importância. Assim, para consolidar este projeto, Luis Henríquez ordenou levantar os novos templos que deviam ser construídos com mão-de-obra indígena com os materiais mais resistentes e duradouros da região, como pedra, taipa e tijolo, além da cobertura de madeira com telhas de cerâmica.

2 O projeto arquitetônico no Novo Reino de Granada

Se os arquitetos Arbelaez e Corradine afirmaram que as separações dos espaços da igreja eram de origem árabe ou influência dos modos de construir na Nova Espanha, neste artigo pretendo mostrar que tanto estas divisões internas como a proliferação dos templos no território do Novo Reino de Granada foram também produto da ortodoxia do Concílio de Trento. Um dos últimos promotores do Concílio foi o cardeal de Milão Carlos Borromeo (1538-1584), que aparece dentro da história eclesiástica como um grande instigador da Contrarreforma, e particularmente da sua implementação arquitetônica. As ideias de Borromeo influenciaram a construção de alguns templos europeus como a Igreja de Sant’Alessandro de Milão (STABENOW, 2002) e o Sacro Monte do Varallo (GREGG, 2004) na Itália. Outros historiadores da arte anotam a influencia do cardeal sobre arquitetos como Tibaldi (ALEXANDRE, 2009) ou na construção de certos espaços da igreja como as sacristias das catedrais na Espanha durante o século XVII (BAÑO, 2008). Esses investigadores tem afirmado que as possíveis fontes de inspiração para a construção das Instruções foram Leão Batista Alberti (1404-1472), Pietro Cataneo (1510-1574), e Durandus (1230-1296) assim como o livro clássico de Vitruvius (c.80-15 a.C.) sobre arquitetura (cf. GALLEGOS, 2004; VOELKER, 1977). Segundo afirma Matthew Gallegos: “From this wide range of ecclesiastical and secular sources Borromeo compiled neither a theoretical nor a theological work, but a compilation of the Church’s traditional design elements and organizational strategies for Catholic churches” (2004, p. 14). Deste modo pode-se afirmar que as Instruções se apresentam mais como uma *summa* arquitetônica que como uma ruptura da tradição das construções religiosas.

Na base da argumentação formal de Borromeo está a ideia que o sagrado poderia ser encontrado através da experiência sensorial e espacial, de modo que a arquitetura cumpre um papel simultaneamente pedagógico e espiritual para entender a religiosidade. Ao mesmo tempo, os ideais de Borromeo, segundo o Concílio de Trento, eram de reafirmação da hierarquia eclesiástica, sobre tudo entre os fregueses, o clero e Deus, i.e., entre o profano, o sagrado e o divino, embora sem perder o caráter didático do afeto e a emoção (cf. BAÑO, 2008; GALLEGOS, 2004; GREGG, 2004; VOELKER, 1977). As separações dos espaços criam os contornos físicos das formas, de modo que o freguês participa da comunhão espiritual dentro do vazio existente entre ele e o sagrado. Assim, o espaço de participação é o espaço real no qual o paroquiano ou peregrino se move dentro do templo. A função da separação coloca o sagrado dentro de um espaço irreal que somente é reconhecido pelo freguês como tal através dessa separação. Desta forma, o peregrino ativa os espaços irrealis (e sagrados) quando permanece em comunhão espiritual diante deles. A clareza da separação é a forma pela qual se rompe qualquer possível ambiguidade entre as hierarquias, colocando cada elemento do rito católico, sobretudo as pessoas, no lugar certo (GREGG, 2004). De modo que o templo sugere um cenário que hierarquiza os indivíduos da comunidade mediante os usos diferenciados dos espaços e sua separação. Segundo os preceitos de Borromeo, o templo cristalizava a função catequizadora da Igreja, como indica o simbolismo pedagógico dos seus diversos componentes arquitetônicos. A importância da arquitetura como expressão de uma forma de vida foi assinalada por Umberto Eco, para quem “en la arquitectura los estímulos son a la vez ideologías. La arquitectura connota una ideología del vivir y por tanto, a la vez que persuade, permite una lectura interpretativa capaz de ofrecer un acrecentamiento de la información” (1999, p. 317).

O livro escrito pelo cardeal de Milão que sintetiza as idéias arquitetônicas ortodoxas do Concilio de Trento intitulou-se *Instructiones Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae*, escritas no ano 1577.⁷ Estas determinavam a qualidade e a

⁷ Para a análise realizei uma leitura do texto em latim contrastando-o com a tradução para o inglês de Evelyn Voelker (1977).

quantidade da dotação de elementos sagrados que os templos deveriam ter de acordo com a sua hierarquia, ou seja, basílicas, catedrais e igrejas. Dos 33 capítulos que compõem o primeiro livro ocupar-me-ei dos 13 primeiros, que estabelecem a estrutura da igreja, a *fabricae ecclesiasticae*. Ali trata da exata localização das igrejas dentro da cidade, a forma como deviam ser construídas e a sua ornamentação externa e interna. O segundo livro das Instruções, composto de 99 *dicta*, explica e detalha qual devia ser o material mais adequado de cada um dos objetos para realizar a eucaristia: cruzes, cálices, candelabros, tábuas, roupas do pároco, lenços para o altar, entre muitos outros, i.e. a *supellectilis ecclesiasticae*. O primeiro que se destaca ao longo deste texto é a recomendação da colaboração harmônica entre o bispo que ordenava a construção do templo e o arquiteto. Borromeo impõe a racionalidade arquitetônica clássica, baseada na harmonia, nas proporções, no compasso e no esquadro sobre os caprichos dos clérigos. Estava nas mãos do arquiteto determinar a melhor técnica para a construção, dependendo dos recursos financeiros e da qualidade dos materiais da região.

São poucos os pesquisadores que deram alguma relevância às *Instructiones* na América, embora seja um documento fundamental para entender a construção das igrejas no Novo Mundo. O caso da arquitetura da Nova Espanha estudado por José Antonio Terán Bonilla (1995) segue um fio condutor semelhante ao proposto neste artigo. Este autor procura observar o simbolismo nos templos da Nova Espanha sob a luz das ideais medievais e renascentistas que vigoravam na Europa e sua releitura com o Concílio de Trento. Adotando um esquema parecido ao deste autor, deter-me-ei inicialmente nas disposições de Borromeo anotando suas possíveis fontes medievais e renascentistas. Após observar estes elementos da igreja realizarei a comparação com os contratos de fabricação assinados pelo Visitador Luis Henríquez na Província de Tunja do Novo Reino de Granada, tentando identificar a presença de “mínimos simbólicos” característicos na construção dos templos.

Nos documentos das Visitas efetuadas pelo Licenciado Luis Henríquez entre 1599 e 1605 se lêem várias vezes os critérios para a conformação do novo povoado,

cujo eixo de fundação era a igreja e a praça. Como o escopo da construção das igrejas de doutrina no Novo Reino de Granada obedecia à necessidade de trazer os indígenas para religião Católica e de nucleá-los para facilitar esta missão catequizadora, na escolha da localização da igreja a presença de população indígena era determinante. O funcionário real decidia o melhor lugar, entre os vários assentamentos indígenas existentes, para que os naturais de outras povoações pudessem se deslocar para atender os santos ofícios nas novas igrejas, sem necessidade de percorrer enormes distâncias. Já que os contratos para a construção de igrejas assinados por esse Visitador tiveram um processo de “aprimoramento” formal dentro de uma estrutura relativamente rígida, escolhi analisar o contrato de seis igrejas (Sora, Samacá, Motavita, Combita, Oicatá, Soracá) assinado o dia 25 de junho de 1601 por ser o “formato” para a construção da maioria dos templos da região. No entanto, devem ser notados acréscimos específicos que aparecem no contrato da igreja do povoado de Chivatá de novembro de 1601. No documento das Visitas de Luis Henríquez os locais eleitos para a construção do templo era equidistante a vários assentamentos indígenas; deste modo, mediante a igreja e a labor de doutrina, congregava-se a população dispersa na região. Na sua eleição, o Visitador dava preferência aos locais planos sobre os inclinados assim como ao clima sadio, i.e., onde houver uma harmonia entre umidade, aridez, frio e calor. Esta determinação já estava dentro da tradição urbanística espanhola, como atestava a Real Cédula de 1523:

Não escolher para fazer povoados os locais muito altos, pela moléstia dos ventos e a dificuldade do serviço e acarretamento, nem locais muito baixos porque costumam ser enfermícios; fundem-se nos levantados medianamente, que desfrutem descobertos os ventos do norte e meio-dia (apud PAREDES, Livro IV, título vii, lei i, tradução nossa) ⁸.

A abundância de madeira e de fontes d’água fresca é imprescindível para a constituição das novas fundações e, portanto, evitavam-se construir as igrejas perto dos pântanos ou onde tivesse excesso de ventos. Seguindo estes critérios, que

⁸ No elijan sitios para poblar en lugares muy altos, por la molestia de los vientos y dificultad del servicio y acarreo, ni en lugares muy bajos, porque suelen ser enfermos, fúndense en los medianamente levantados, que gocen descubiertos los vientos del norte y me dio día.

aparecem como “naturais” dentro desta tradição, o próprio Borromeo levou na conta a determinante climática para a construção das igrejas católicas. No capítulo I do Livro I, ordenou que as igrejas fossem edificadas longe de qualquer relevo que pudesse produzir enxurradas, de modo que o templo deveria estar salvaguardado da umidade: “*Ponenda praeterae cura est ut ne loco humido uliginoso ve area ecclesia deligatur*”.⁹ Para Borromeo o templo devia apresentar-se destacado dentro da cidade, salientando-se como um bloco à parte, como aparece neste mesmo capítulo: “*Cautio item sit, ut situs eiusmodi quaeratur, ubi ecclesia exaedificari queat insulae instar*”.¹⁰ Borromeo ordenava que a localização da igreja devia ser sempre em locais altos, “*loco editiori aliquanto fiat*”.¹¹ Caso o relevo não permitisse, deveria ser elevada artificialmente mediante número impar de degraus, três ou cinco, feitos de pedra resistente. As dimensões do degrau eram de um cúbito de comprimento e oito onças de altura,¹² como aparecem depois no capítulo IX. Esta localização da igreja a maior altura da cidade aparece em Vitruvius (apud ORTIZ Y SANZ, 1787, p. 70) Cataneo (1554, f. 38r) e Alberti (apud LOZANO, 1582, p. 200) para quem o local do templo deve comandar a cidade. Se a referencia da altura do templo não aparece nas Visitas de Luis Henríquez, é explícita nas “Ordenanzas de descubrimiento, nueva población y pacificación de las Indias dadas por Felipe II, el 13 de julio de 1573, en el bosque de Segovia” (MORALES, 1979). Na Lei 124 aparecem as disposições tradicionais para a localização dos templos católicos:

O templo nos lugares mediterrâneos no se localizem na praça mas afastada dela e parcialmente separado do edificio que se chegue a ele e não o toque e que de todas partes seja visto; porque possa-se adornar melhor e tenha maior autoridade deve se procurar que esteja elevado do solo, de modo que se deva entrar nele por escadaria (apud MINISTERIO DE VIVIENDA, 1976, p. 94-95, tradução nossa)¹³

⁹ [Colocando o maior cuidado que o piso onde vai estar a igreja não esteja molhado ou úmido]

¹⁰ [Deverá ter-se o cuidado, ao pesquisar pela localização, que onde se construa a igreja esta deve parecer como uma ilha]

¹¹ [Em um local consideravelmente mais alto]

¹² 1 cúbito = 24 onças; e 1 onça = 1,81 centímetros. Portanto, 1 cúbito = 43,4 cms. O tamanho de degrau seria de aproximadamente 44 centímetros de comprimento por 14 centímetros de altura.

¹³ El templo en lugares mediterrâneos no se ponga en la placa sino distante de ella y en parte que este separado del edificio que a él se llegue que no sea tocante a él y que de todas partes sea visto porque se pueda omar mejor y tenga más a utoridad ase de procurar que sea algo levantado del suelo de manera que se haya de entrar en el por gradas.

Para Borromeo o tamanho devia ser proporcional e adequado à multidão de fregueses congregada nos dias sacros e não, como no caso de Cataneo com a importância da cidade onde ela estava construída (1554, Livro III, caps. iii, iiiii, vi) ou como para Vitruvio dependendo do deus tutelar da cidade (apud ORTIZ Y SANZ, 1787, pp. 60-63). Neste ponto existe uma ruptura com respeito a medidas que deviam ter os templos descritos pelos autores clássicos e medievais. Para saber quais medidas, Borromeo calculou a área por pessoas da seguinte maneira: *unius cubiti et unciarum octo*, i.e., um quadrado de um “cúbito” e oito “onças” por cada lado, i.e., 58 cm para cada lado sem contar as colunas e muros. As proporções das igrejas impostas pelo Visitador estariam em relação com o tamanho da igreja que segue os cálculos elaborados pelo cardeal Borromeo. Ainda, as igrejas de doutrina estavam construídas para que o corpo onde os fregueses se acomodassem tivesse uma área de 9 (ou 10) por 40 varas castelhanas (pois o resto era para o altar mor), i.e., entre 7,8 e 8,6 metros de largura por 34,5 metros de comprimento. A área de cada igreja de doutrina no Novo Reino de Granada variava entre 268 e 295 m²; assim, se o espaço por cada freguês era de 0,34 m², segundo Borromeo, as igrejas de doutrina teriam uma capacidade para abrigar entre 790 e 870 fregueses.¹⁴

A forma do templo para Borromeo, determinada no capítulo II do livro I, seria preferencialmente em cruz com uma nave central, ao invés do templo circular que os arquitetos da Renascença descreviam (cf. CATANEO, 1554, Livro III, capítulo vii), pois era considerado pelo cardeal como símbolo do paganismo. Assim, a forma arredondada foi banida como desenho para qualquer templo a partir da promulgação das Instruções. A igreja poderia ter, além da nave central, duas ou quatro naves laterais; os braços da igreja deviam sobressair e ser visíveis desde o exterior. Borromeo não fez qualquer menção sobre o simbolismo antropocêntrico da forma de igreja nem de qualquer dos seus componentes, à diferença de Cataneo (1554, ff. 35v-36r, 37r) e Durandus (apud NEALE & WEBB, 1893, pp. 19-20). No

¹⁴ O número de “índios úteis” por povoado oscilava entre 270 e 480 aproximadamente, com uma média aproximada de 350 “índios úteis”. Segundo os cálculos elaborados por Jaime Jaramillo (1964), estes indígenas considerados úteis eram sempre varões com capacidade de trabalhar pelo qual poderia existir mais de um por cada grupo familiar.

caso dos contratos das igrejas de doutrina a forma de cruz prescrita pelo cardeal não foi seguida; no contrato descreve-se uma nave alongada e profunda, “*an de tener de largo cada una de las dichas yglesias cjnquenta varas y onze de ancho para las paredes y guecos, que se entiende las nueve para el gueco y las dos para los dos gruesos de las paredes*” (apud ROMERO, 2008, p. 2.605).¹⁵ Os únicos elementos que sobressairiam do corpo destas igrejas eram a sacristia e a capela para a pia de batismo, que se apresentam como apêndices da construção maior com o alicerce profundo. O Visitador prestou muita atenção na durabilidade da igreja pelo qual devia ser maciça e pesada; assim, prescreveu no contrato de 1601 qual a forma adequada para conseguir uma igreja com essas características. Em primeiro lugar, o alicerce:

Devem se abrir os cimentos e suas valas de vara e meia de largo e profundo até o fixo; devem se sacar de boa pedra pisada até um pé mais embaixo do feixe da terra e a partir daí devem se estreitar as paredes de uma vara de largo, que é a grossura que deve prosseguir até acabar a sua altura (apud ROMERO, 2008, p. 2.933, tradução nossa)¹⁶

A continuação um dos elementos mais chamativos destas igrejas, os contrafortes que neste caso são chamados de “estribos”, elementos que se acham presentes dentro da tradição ibérica denominada “pré-românico asturiano” e desenvolvida entre os séculos IX e XII (cf. BONET, 1967):

Devem de ter cada uma das ditas seis igrejas dez estribos, os quais devem se formar desde abaixo junto com o alicerce das ditas paredes [...] devem de ter um desvio de uma vara de largura que se entende de quadrado; e devem subir sua altura até ficar três quartas [de vara] mais baixo que o mais alto do corpo da igreja [...] e devem ser os ditos estribos de tijolo, pedra e cal (apud ROMERO, 2008, p. 2.934, tradução nossa)¹⁷

¹⁵ Carlos Arbelaez Camacho propõe uma tipologia determinada pelo tamanho (ARBELAEZ e SEBASTIAN, 1967; ARBELAEZ e TOVAR, 1968; ARBELAEZ, 1969). Por outro lado, para Romero (2008) esta diferença de tamanho depende igualmente das datas de contratação, de modo que os templos mais velhos são também os menores.

¹⁶ Se an de avrir los çimientos y çanjas de vara y media de ancho y hondos hasta lo fixo, se an de sacar de buena piedra apison hasta un pie mas avaxo de la haz de la tierra y desde allí se an de recoxer las paredes de una vara de ancho que es el grueso que se a de proseguir hasta acabar el altor.

¹⁷ a de llevar cada una de las dichas seis yglesias diez estribos los cuales se an de formar desde la parte de avaxo junto con el cimiento de las dichas paredes [...] an de tener de desvío una vara de grueso que se entiende de quadrado, y an de subir de altura hasta quedar tres quartas mas vajo que lo mas alto del cuerpo de la yglesia [...] y an de ser los dichos estribos de ladrillo, piedra y ca l.

Finalmente, o Licenciado especificou que a altura das paredes do templo devia ser de seis varas. Igualmente, menciona o uso dos materiais mais duradouros que se acharem na região, mediante a técnica de intercalado de material: “una vara [de altura] de mampostería todo a peso en redondo, y de rafa a rafa a de llevar tres hiladas de ladrillo, las cuales an de entrar en alto dicho, llevando de rafa a rafa sus tapias de tierra” (apud ROMERO, 2008, p. 2.934). Deste modo, Luis Henríquez aproveitou a facilidade para fazer a taipa com a resistência dos tijolos de barro, materiais comuns nesta região.

Sobre a decoração exterior, descrita no capítulo III das Instruções, Borromeo determinou que, com exceção da fachada, não haveria nenhum ornato: “*in iis nulla imago exprimatur*”.¹⁸ No entanto, a fachada devia ser adornada com várias imagens da história sagrada, pois ela devia ter um caráter pedagógico e anedótico: “*qui a fronte, eo decentiorem augustiorem que aspectum prae se ferent, quo sacris imaginibus picturis ve sacram historiam exprimentibus ornatiores erunt*”.¹⁹ Neste sentido, Borromeo mistura tanto a tradição renascentista que propunha a modéstia e a humildade do templo, como aparece em Alberti (apud LOZANO, 1582, p. 214) e Cataneo (1554, f 38r), com o efeito pedagógico das figuras, como tinha advertido Durandus (apud NEALE & WEBB, p. 45).²⁰ O Visitador Henríquez não mencionou a presença de figuras e, pelo contrario, determinou que: “se a de encalar la dicha yglesia por de dentro y por de fuera y se a de hazer conforme a buena obra y a vista de oficiales” (apud ROMERO, 2008, p. 2.935). Deste modo, as igrejas de doutrina aparecem branqueadas como símbolos da modéstia e humildade da missão.

¹⁸ [Nelas não se expresse nenhuma imagem].

¹⁹ [Pela frente, para tomar mais a gosto à visão, serão exibidas as imagens e pinturas sagradas que expressem graciosamente a história bíblica].

²⁰ Neste caso, a iconografia de Borromeo, como aparece no capítulo III do livro I estava dentro dos cânones de Durandus (apud NEALE & WEBB, p. 46), nos quais aparecia a imagem de Maria com o Menino Jesus no colo: “*decore religiose que imago beatissimae Mariae Virginis, Iesum filium in complexu habentis*” [A religiosa e bela imagem da Virgem Maria deve ter o Menino Deus no seu colo]. Na sua direita devia ficar a imagem do santo ao qual está dedicada a igreja: “*cuius nomine illa ecclesia nuncupatur*” [Pelo cujo nome a igreja é chamada]. Na sua esquerda o santo da devoção do povoado: “*cui prae caeteris parochiae illius populus venerationem tribuit*” [Quem, por acima dos outros, seja venerado pelo povo da freguesia].

O capítulo IV das Instruções, “*De atrio, porticu et vestibulo*”, chama a atenção, pois Borromeo estava consciente da possível falta orçamentária para construir o átrio. Por isso, levando na conta as restrições econômicas das freguesias, propôs substitutos para este elemento da fachada, como a confecção de um pórtico na frente do templo. Ainda, se os fundos eclesiásticos fossem insuficientes, o cardeal ordenava edificar pelo menos uma varanda do mesmo comprimento da porta principal. Chama a atenção essa insistência de Borromeo na construção deste elemento, apesar da falta de recursos, que colocava uma separação entre o acesso ao lugar sagrado e a cidade, e que estaria complementando a localização em maior altura e o isolamento do templo. Ainda, esta separação lembra a forma como Vitruvio acentuava a grande importância das colunas do templo como definidoras do espaço sagrado (apud ORTIZ Y SANZ, 1787, lâminas vii e xvi). Esta separação da fachada do resto do povoado foi um critério formal seguido pelo Visitador Luis Henríquez. No entanto, na falta de orçamento para a construção dos átrios, os contratos descrevem a necessidade de defender a entrada com os “soportales”: “*demas del largor que an de tener las dichas yglesias como queda declarado, an de llevar su soportal que por lo menos a de ser de dos varas cada estrivo delante de la puerta principal de la yglesia*” (apud ROMERO, 2008, p. 2.935). Assim, a função dos estribos que suportam o peso dos muros e o telhado era diferente da dos “soportales”, que podem ser considerados a interpretação mais prática para conseguir esse efeito de “átrio” que separa e diviniza o templo. Desta forma, pode-se perceber como se estabeleciam as diferentes distâncias hierárquicas em consonância com os preceitos do Concílio de Trento.

O telhado aparece minudenciado no capítulo V como grande preocupação para o cardeal, sendo este o elemento que resguardava as imagens sagradas e o aparato religioso. Para Borromeo a escolha do melhor material assim como da melhor forma de resolver o teto – a duas águas, em abóboda ou em cúpula – estava nas mãos do arquiteto. Segundo Borromeo, o material ideal para a cobertura era o telhado de bronze ou chumbo, com a estrutura interna de madeira. Neste caso, a

preocupação maior era que o templo pegasse fogo, de modo que estes materiais evitariam este risco. O teto devia ser inclinado e sobressair das paredes para evitar acumulação de umidade e infiltrações no chão. A primeira descrição do telhado que realizou Luis Henríquez para a seis igrejas foi pouco detalhada e tosca se comparada com as anotações do mestre construtor de Chivatá de 1601, mais refinada e técnica:

A dita igreja deve se emadeirar com boa madeira coletada no mingunte e as linhas estarão interpoladas que se entende um par junto e outro simples, repartido segundo a boa obra da carpintaria; devem ser bem amarradas e acopladas nas terças e serão lavradas com enxó e plaina; será a armadura deste telhado de tosco sobre tesoura, as quais irão repartidas de forma que cada tesoura apoie-se e nasça das linhas emparelhadas por cima, e no meio destas tesouras irão clavadas umas varas costaneiras sobre as quais descansa e cansa toda a armadura do telhado; a distancia das varas da armadura serão convenientes segundo a boa obra da carpintaria; devem ser bem encaniçadas com barro e telha, que a telha esteja bem superposta com sua cumeeira bem coberta e maciça de boa mistura de cal e areia (apud ROMERO, 2008, p. 1.985, tradução nossa)²¹

O que descreve Luis Henríquez é a técnica conhecida como “*tirantes y nudillos*” ou estrutura de tesoura de linha alta ou caibro armado (cf. ÁVILA *et al.* 1996). Considerada pelos arquitetos como influenciada pela tradição árabe sob o nome de “*artesonado mudéjar*”, esta estrutura proliferou nos templos peruanos e bolivianos a diferença dos templos na Nova Espanha que tinham uma estrutura de abóboda em cruzaria gótica (ARBELAEZ, 1969, p. 207).

Borromeo se referiu às portas da igreja nos capítulos VII e VIII. Sua forma não podia ser arqueada, “*llud vero caveatur, ut a superiori parte ne illa arcuata sint, cum a portis urbium dissimilia esse debeant*”;²² deviam ser quadradas, como se podia observar nas antigas basílicas. Em termos de sua proporção, deviam ter

²¹ y la dicha yglesia se a de enmaderar de buena madera cogida en mengunte y las tirantes yrán ynterpoladas que se entiende un par apareadas y otra sencilla, repartidas //593r según buena obra de carpintería, an de ser vien enpatilladas y engalavernadas en las soleras, serán lavradas de azuela y çepillo, a de ser la armazón des te jado de tosco sobre tijeras, las cuales irán repartidas de manera que cada tijera estrive y nasca de las tirantes apareadas por ensima, y en medio destas tixeras irán clavadas unas varas cos taneras sobre las cuales descansa y cansa toda la armazón del tejado, la distancia de las varas de la harmazón será la que convenga según vuenta obra de carpintería, a de ser muy bien encañada con su varro y tejada, que la teja sea muy bien sobrepuستا con su ca vallete bien aforrado y masiso de vuenta mescla de cal y arena.

²² [Mas prevê-se que a parte superior da porta não seja curvada, para diferenciar-se das portas da cidade].

uma altura duas vezes maior à sua largura. As portas deviam ser construídas unicamente na fachada em correspondência com o número de naves. As portas deviam impressionar pelo seu tamanho, força e nobreza do material, mais que pela sua decoração, seguindo assim os preceitos de Alberti (apud LOZANO, 1582, p. 219). Sobre o material de construção, eram preferíveis as madeiras nobres de cipreste, cedro ou nogueira, e se a igreja era importante deviam estar cobertas com placas e enfeites de prata ou bronze. Na sua descrição da igreja como figura no contrato das seis igrejas de 1601, Luis Henríquez menciona a presença de duas portas:

Com duas portas de tijolo e cal, uma a principal com seu arco pleno [...] a porta do lado de pedra, cal e tijolo com sua cornija fora, e a principal deve ter suas bases de tijolo e umbral de pedra [...] devem colocar nas portas das igrejas suas portas de madeira com fechadura e cravejadas o necessário para elas e para todo o resto das obras (apud ROMERO, 2008, pp. 2.934-5, tradução nossa) ²³

O Visitador não especificou o tamanho do vão da porta principal e também não seguiu os preceitos de Borromeo a respeito da forma, pois ordenou que fossem de arco e, ainda, mandou fazer uma porta lateral menor, para a saída dos indígenas fregueses. O Visitador enfatizou a necessidade da boa fechadura, sobretudo para evitar a entrada de animais no templo. A partir do contrato da igreja de Chivatá de 1601, o Visitador enfatizou a importância das portas resistentes: “se le a de poner sus muy buenas puertas de carpintería, la mayor clavada con su guarnición, zorrón y tejuelo de hierro y un çerrojo grande con su buena çerradura y llave” (apud ROMERO, 2008, p. 1.986).

Sobre as janelas, como descritas no capítulo VIII, Borromeo lembra a tradição de fazê-las mais estreitas no exterior e mais compridas no interior. Deviam ser abertas nos lados da nave central, em número ímpar e sempre confrontadas. Além disso, a principal fonte de luz devia ser uma janela circular aberta acima da

²³ Con dos puertas de ladrillo y piedra y cal, una la principal con su arco de buelta redonda [...] la puerta del costado de pie dra, cal y ladrillo con su comija (sic) por de fuera, y la principal a de llevar sus vasas de ladrillo y unbral de piedra [...] a de poner en las puertas de la yglesia sus puertas de madera con sus çerraduras y la clavazon neçesaria para ella y para todo lo demas de las obras.

porta principal como se fosse um olho: “*Unde vero lumen praecipue ecclesia et cappella maior excipiat, fenestra orbicularis, ampia pro modo ecclesiae, instar oculi, a fronte supra ostium maius ex aedificetur*”.²⁴ Se o altar maior estivesse muito escuro, podiam-se colocar lanternas na cúpula. Como se percebe, a iluminação do interior do templo era fundamental para Borromeo, ao invés de Alberti que preferia as trevas como modo para alcançar a veneração divina (apud LOZANO, 1582, p. 217). Em qualquer caso, as janelas deviam ser suficientemente altas para evitar ver o interior: “*fenestras omnino alte, atque ita extruantur, ut inde, qui foris stat, introspicere non possit*”.²⁵ Como tinha prescrito Alberti, desta forma evitavam-se diversões da mente dos fregueses e obrigavam-nos a contemplar sempre para o céu durante o oferecimento dos Ofícios Divinos (apud LOZANO, 1582, p. 217). Igualmente, Borromeo exigia que as janelas fossem transparentes sem imagens, à exceção dos santos, e defendida com grades de ferro. A descrição das janelas nas Visitas era sucinta. Luis Henríquez ordenou fazer quatro janelas por cada lado da igreja nos primeiros contratos 1601, sem especificar sua altura. Depois do contrato de Chivatá de 1601, a descrição das janelas foi menos determinante, ainda recomendando fazer tantas janelas quanto fosse necessário para dar clareza ao interior do templo.

Sobre a disposição geográfica do templo, Borromeo determinou no capítulo X que o altar mor devia estar alinhado com a saída do sol no equinócio, como já tinha advertido Durandus (apud NEALE & WEBB, 1893, p. 16). No caso contrário, preferia-se alinhar com o sul, evitando-se sempre colocar o altar no poente. O altar mor devia estar também elevado do nível do chão da igreja por pelo menos com três degraus. Assim, conforma-se uma série de elevações espirituais que concordavam com a tradição bíblica e a romana da Jerusalém Celeste (cf. BOUVELLES, 1510, f. 170r): o templo isolado é elevado do nível da cidade e o altar maior é elevado do solo da igreja. Nos contratos de construção das igrejas de

²⁴ [Daí que a luz principal da igreja e da capela maior procederá de uma janela circular como um olho, ampla para o tamanho da igreja, acima da porta de entrada do edifício].

²⁵ [Todas as janelas bastante elevadas, de modo que, quem estiver fora não possa ver o interior].

doutrina aparece também essa elevação do altar sobre o chão: “el altar mayor a de ser con tres gradas dándole sus pirlanes de madera y ladrillo” (apud ROMERO, 2008, p. 2.935); ainda, o Visitador ordenou construir o arco toral para separar o altar mor de resto do corpo da igreja. A descrição do contrato de 1601 de Chivata detalhou que: “se an de hazer tres altares que son el mayor y dos colaterales, y con el mayor se subirá con çinco gradas y los pequeños con sola su peaña, que todos se an de hazer de ladrillo con sus pirlanes de madera” (apud ROMERO, 2008, p. 1.985).

O capítulo XXVI das Instruções de Borromeo trata dos sinos, elemento que para Durandus era símbolo da própria palavra do predicador e elemento com capacidade divina de controlar os ventos (apud NEALE & WEBB, 1893, p. 71). O campanário devia ser construído na forma de torre com base quadrada, com suas portas no exterior da igreja. O número dos sinos indicava a importância do templo, de modo que as catedrais deviam ter sete ou cinco; os templos de colégios deviam ter três, grande, mediano e pequeno; os templos de paróquia deviam ter três ou pelo menos dois. Como no átrio, Borromeo leva em conta o orçamento de cada igreja. Assim, se esta for pobre, ao invés de construir uma torre à parte, os sinos poderiam ser localizados em uma construção menor na esquina direita da entrada da igreja. Este campanário menor devia ter acesso direto desde o interior da igreja e não de fora. No caso que fosse impossível construir uma torre, devia-se levantar uma simples parede de tijolo colocada na parte alta da fachada onde pudessem ser pendurados os sinos: “*pilae lateritiae in summo pariete haerentes eae que arcuatae feri possunt, unde campanae appendantur*”.²⁶ Seguindo esta ideia dos mínimos característicos, o Visitador Henríquez descreve a sineira como uma prolongação da parede da fachada, como aparece no contrato de 1601:

Também deve prosseguir-se com a testeira acima da porta principal da boa obra de alvenaria, tijolo e pedra, acima da qual e no meio deve se formar a sineira com o cumprimento e altura que convenha para três janelas com sua cornija de moldura de tijolo cortado, e seu arremate com

²⁶ [Uma parede de tijolos na parte superior e que pode ser arqueada, de onde são pendurados os sinos].

forma de frontispício com três pirâmides arriba, uma no meio e duas aos lados (apud ROMERO, 2008, p. 1.985, tradução nossa)²⁷

Observando os inventários realizados por Luis Henríquez, a maioria das igrejas já contava com pelo menos um sino; algumas, como a igreja de Oicata, tinha um sino de 12 kg. Este elemento estava relacionado com a presença de cura de doutrina permanente nos assentamentos indígenas, pois mediante o sino se controlavam os tempos dos indígenas segundo as necessidades da catequese.

Finalmente, no capítulo XIII, Borromeo tratou sobre o elemento mais importante e sagrado da igreja, o tabernáculo. A construção do templo se dispõe em torno do centro sagrado, o mistério supremo e cuja pureza devia ser resguardada dos olhares indiscretos, como aparecia em Durandus (apud NEALE & WEBB, 1893, p. 40). Para Borromeo o tabernáculo, recipiente do símbolo da nova aliança cristã, devia estar no local mais elevado do altar mor e devia ser construído com folhas de prata ou bronze e decorado com figuras que representassem a paixão de Cristo. Dentro dele estava guardada a Santa Eucaristia, o mistério maior da fé cristã e representação do corpo purificado de Cristo, defendida contra a umidade com painéis de álamo. Dentro dos elementos do inventario que serviam para a consagração do corpo divino de Cristo aparecem na maioria das igrejas visitadas por Luis Henríquez os de maior significado ritual: a pedra da ara; o cálice, geralmente de prata; os castiçais de latão; vasos de prata para guardar os santos óleos chamados “crismeras”; a pia de batismo de pedra ou cerâmica e, além do culto a Cristo, a maioria das igrejas possuíam imagens da Virgem Maria (pinturas ou esculturas) de grande riqueza (ROMERO, 2008).

A partir da leitura de algumas visitas após de Luis Henríquez observa-se que: finalizaram-se as igrejas de Chivatá no ano 1605 e de Duitama em 1613; a de Pesca estava com os muros, mas sem a armadura de madeira para o telhado em

²⁷ También se a de proseguir el testero de encima de la puerta prinzipal de buena obra de manpuesto, ladrillo y piedra, encima del qual y en medio se a de formar el campanario con el ancho y alto que convenga para tres ventanas con su cornisa de moldura de ladrillo cortado, y su remate en forma de frontispicio con tres pirámides arriba, una en medio y dos a los lados.

1608; Estava sem terminar a igreja de Sativa em 1630. As igrejas de Viracachá e Ramiriquí estavam com alicerces de pedra em 1622 e a de El Cocuy em 1635. A obra de Paipa estava incompleta e com a madeira para a armadura do telhado apodrecendo. Por fim, a igreja de Gámeza em ruínas, com os muros desmoronando em 1672. Ou seja, que dos 24 templos que ele mandou erigir na província de Tunja, houve disposição para construir em nove povoados.

Conclusão: a imposição da nova religião

Poder-se-ia dizer que em sua maioria os preceitos arquitetônicos de Borromeo foram seguidos nos contratos de construção das igrejas de doutrina, sobretudo a ideia de unidade formal do templo católico. Ainda, mediante a leitura de outras Visitas efetivadas depois de 1600 repete-se o “padrão” do contrato, como se fosse trazido diretamente da Espanha com poucas possibilidades interpretativas locais. Observa-se a simplicidade total da estrutura de acordo com os mínimos simbólicos. Assim, o templo é de nave única e profunda; na falta do átrio se constroem dois muros parecidos aos contrafortes, chamados de *soportales*, feitos igualmente com pedra, tijolo e cal e de duas varas para o fundo, que teriam correspondência com o átrio. O campanário é na verdade uma prolongação da parede da fachada, uma sineira simples com três olhos que, devido à precariedade orçamentária, não conforma uma torre. A armação do telhado devia seguir a técnica de “tirante y nudillo” e a cobertura deveria ser de telha bem cozida. O altar, assim como prescreve Borromeo, elevar-se-ia três degraus acima do chão da nave principal, separado desta mediante o “arco toral”. Sobre a porta principal, esta seria de madeira com fechaduras de ferro. Todo o templo, no interior e no exterior, devia ser branqueado com cal.

Assim, se levarmos em conta uma semelhança canônica das igrejas que se encontram dispersas por uma região específica, elas aparecem como determinantes do espaço e da paisagem. A sensação de homogeneidade consegue igualmente uma racionalização e regularização da natureza, mediante a imposição de um padrão que

nega qualquer especificidade e particularidade local. A unidade formal relaciona entre si cada um dos templos, de modo que se mantêm uma continuidade territorial que os unifica. Este efeito regulariza e dá uma ordem à cotidianidade que é imposta a partir da Coroa espanhola, como uma extensão da cidade européia. Assim, consolidava-se a distribuição hierárquica que se aplicava sobre a sociedade colonial mediante a construção da igreja e suas divisões do profano, o sagrado e o divino. A hierarquia que se impunha mediante o templo atravessavam o projeto urbano e a cotidianidade dos indígenas.

Passados 400 anos da Visita de Luis Henríquez vemos que a maioria das suas ordens cumpriu-se em certa medida. O projeto régio era um projeto secular, um projeto para a eternidade ou, pelo menos, até o “fim dos tempos”. A salvação das almas e a doutrina configuraram-se como a maior força na política de nucleação que persistiu ao passar dos séculos. Dos templos que o Licenciado ordenou construir o Licenciado Luis Henríquez na Província de Tunja do Novo Reino de Granada, os que permanecem em pé possuem a maioria das características iniciais e vários deles foram substituídos por outros maiores no século XIX. No atual Departamento de Boyacá somente estão considerados monumentos nacionais de caráter patrimonial as igrejas de Beteitiva, Chiquinquirá, Chiquisa, Chivatá, Cucaita, Cuitiva, Iza, Monguí, Motavita, Oicatá, Siachoque, Socha, Sora e Tópaga. Ainda, a pesar da assiduidade de fregueses e do excepcional estado de conservação, os templos de Busbanzá, Otenga, Sáchica, Tobasía, e Tota não aparecem como monumentos nacionais nem como candidatos nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, John. Architectural unity and rethoric: the patronage of Carlo Borromeo. **Sacred Architectural Journal**, Notre Dame, USA, v. 15, p. 16-22. 2009.

ARBELÁEZ, Carlos. Templos doctrineros y capillas posas en la Nueva Granada. **Revista Universidad Pontificia Bolivariana**, Medellín, v. 21, n. 18, p. 204-215, jul./sept. 1969.

ARBELÁEZ, Carlos; SEBASTIAN Santiago. La arquitectura colonial. In: ACADEMIA COLOMBIANA DE HISTORIA. **Historia extensa de Colombia**. v. 20, t. 4. Bogotá: Ed. Lerner, 1967.

ARBELÁEZ, Carlos; TOVAR, Gil. **El arte colonial en Colombia**. Bogotá: Sol y Luna, 1968.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco mineiro, glossário de arquitetura e ornamentação**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996.

BAÑO MARTINEZ, Francisca del. **Estancia de uso y representación al servicio de las catedrales españolas durante el barroco**. 2008. 599f. Tese (Doutorado). Universidade de Murcia, Espanha.

BONET CORREA, Antonio. **Arte pre-románico asturiano**. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 1967.

BOUVELLES, Charles de. **Liber de Intellectus**. Paris: Stephanus & Parvus, 1510.

CATANEO, Pietro. **I quattro libri di architettura**. Veneza: Aldus, 1554.

COLMENARES, Germán. **La provincia de Tunja en el Nuevo Reino de Granada**. Tunja: Publicaciones Academia Boyacense de Historia, 1984.

CORRADINE, Alberto. **Arquitectura religiosa en Colombia: templos coloniales**. Bogotá: [s.e.], 1968.

CORRADINE, Alberto. **Notas sobre la arquitectura religiosa en el Nuevo Reino de Granada**. Bogotá: Centro de Comunicaciones e Información - Facultad de Artes Universidad Nacional de Colombia, 1976.

CORRADINE, Alberto. Notas sobre la arquitectura religiosa en el Nuevo Reino de Granada. **Boletín del Centro de Investigaciones Históricas y Estéticas**, Bogotá, v. 23, p. 110-124, 1978.

CORRADINE, Alberto. **Historia de la arquitectura colombiana**. Bogotá: Escala, 1989. (Biblioteca de Cundinamarca).

ECO, Umberto. **La estructura ausente:** introducción a la semiótica. Barcelona: Paidós, 1999.

GALLEGOS, Matthew. Charles Borromeo and Catholic tradition. **Sacred Architecture Journal**, Notre Dame, USA, v. 9, p. 14-18, 2004.

GREGG, Ryan. The Sacro Monte of Varallo as a Physical Manifestation of the Spiritual Exercises. **Athantor**, Flórida, n. 22, p. 49-55, 2004.

JARAMILLO URIBE, Jaime. La población indígena de Colombia en el momento de la conquista y sus transformaciones posteriores. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, Norteamérica, n. 2, p. 239-293, 1964.

LOZANO, Francisco. **Los diez libros de arquitectura de Leon Baptista Alberto traducidos de latin en romance.** Madrid: Alonso Gómez impresor, 1582.

ORTIZ Y SANZ, Joseph. **Los diez libros de arquitectura de M. Vitruvio Polion traducidos del latin y comentados.** Madrid: Imprenta Real, 1787.

MUJICA SILVA, José. **Relación de visitas coloniales:** Pueblos, repartimientos y parcialidades indígenas de la provincia de Tunja y de los partidos de La Palma, Muzo, Velez y Pamplona. Tunja: Publicaciones Academia Boyacense de Historia, 1948.

HERRERA ANGEL, Martha. **Ordenar para controlar.** Ordenamiento espacial y control político en las llanuras del Caribe y en los Andes centrales Neogranadinos, siglo 18. Academia Colombiana de Historia – Instituto Colombiano de Antropología e Historia: Bogotá, 2002.

MORALES PADRÓN, Francisco. **Teoría y leyes de la conquista.** Ordenanzas de descubrimiento, nueva población y pacificación de las Indias dadas por Felipe II, el 13 de julio de 1573, en el bosque de Segovia. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica del Centro Iberoamericano de Cooperación, 1979.

NEALE, John Mason; WEBB, Benjamin. **The symbolism of Churches and churches ornaments.** A translation of the first book of the Rationale Divinorum Officiorum. Trinity College – Cambridge. New York: Charles Scribner's Sons, 1893.

PACHECO, Juan Manuel. La evangelización del Nuevo Reino de Granada. In: ACADEMIA COLOMBIANA DE HISTORIA. **Historia extensa de Colombia**, v. 13, t. 1. Bogotá: Ed. Lerner, 1971.

PAREDES, Julián de. **Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias.** Madrid: Imprenta Real, 1681.

RAMIREZ, María Clemência; SOTOMAYOR, María Lucía. Subregionalización del Altiplano Cundiboyacense: reflexiones metodológicas. **Revista Colombiana de Antropología**, Bogotá, v. 26, p. 174-201, 1986-1988.

ROMERO, Mario Germán. **Fray Juan de los Barrios y la evangelización del Nuevo Reino de Granada**. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 1960.

ROMERO SANCHEZ, Guadalupe. **Los pueblos de indios en Nueva Granada: trazas urbanas e iglesias doctrineras**. 2008. 3587f. Tese (Doutorado) Universidade de Granada, Espanha.

STABENOW, Jörg. La chiesa di Sant’Alessandro a Milano: riflessione liturgica e ricerca spaziale intorno al 1600. **Annali di Architettura** - rivista del Centro Internazionale di Studi di Architettura "Andrea Palladio", Milano, n. 14, p. 215-299, 2002.

TERÁN BONILLA, José Antonio. El simbolismo de templo cristiano novohispano. **Xiloca**, Calamocha (Teruel), n. 16, p. 209-230, dic.1995.

VAN DER HAMMEN, María Clara; LULLE, Thierry; PALACIOS, Dolly Cristina. La construcción de patrimonio como lugar: un estudio de caso en Bogotá. **Antípoda**, Bogotá, n. 8, p. 61-85, 2009.

VOELKER, Evelyn Carole. **Charles Borromeo’s Instructiones Fabricae Et Supellectilis Ecclesiasticae**, 1577. A Translation with Commentary and Analysis. 1977. 462f. Tese (Doutorado) - Syracuse University. Syracuse.